

ANEXO B: NOTÍCIAS DE JORNAIS

Fragmentos de notícias sobre o candomblé, pesquisadas em diversos periódicos brasileiros e internacionais, com destaque para as suas manchetes:

♦Notícias de *A Tarde*, jornal baiano:



Jubiabá em scena. *A Tarde*.



BRITO, Reynivaldo. Os deuses africanos no Museu da Cidade. *A Tarde*. Salvador, ano 63, nº. 21115, 24 jan. 1976. Artes Plásticas, p. 21.



Polícia fora dos terreiros. *A Tarde*. Salvador, ano 63, nº. 21108, 16 jan. 1971. p. 2.



Olga de Alaketo: o candomblé cura e mata. *A Tarde*. Salvador, 08 mai. 1979.

Conferência debate tradição dos orixás

A "II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura" será realizada, em Salvador, a partir do próximo dia 17, com a participação de delegações de todo o Brasil, da África, do Caribe, dos Estados Unidos e de outros países. A delegação africana, composta basicamente por sacerdotes do culto afro, deverá ser integrada por Omi, rei de Ife.

A abertura da conferência será no dia 18, às 20 horas, no Centro de Convenções de Salvador, local em que serão realizados todos os trabalhos. A escolha de Salvador para sediar a conferência foi decidida, na primeira reunião realizada, em 1981, na Nigéria, "por ser um lugar onde a tradição dos orixás apresenta vigor, riqueza e diversidade notáveis".

O coordenador geral do comitê organizador da conferência, Prof. Eudalvo Brito, destaca a importância e o significado deste encontro como "ponto gerador de um intercâmbio do saber tradicional entre os seus participantes, representantes autênticos da cultura e da tradição dos orixás em seus países. Logo após a instalação da conferência, no dia 18, haverá ainda, no Centro de Convenções, a abertura de várias exposições — Grandes Esculturas, Artes Plásticas e de Artes Contemporâneas, que ocuparão os pisos e áreas livres do centro.

Do dia 19 ao dia 24, serão realizadas, pela manhã e à tarde, palestras, debates e painéis sobre temas diversos ligados à cultura e às tradições africanas, incluído-se com uma mesa-painel sobre "A Tradição dos Orixás e as Relações Históricas da África com o Novo Mundo".

A tradição dos orixás abre conferência hoje

A II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás será aberta oficialmente, hoje, às 20 horas, no Centro de Convenções da Bahia, com inauguração e cânticos religiosos seguidos da primeira sessão plenária para instalação dos trabalhos e eleição da presidência e secretariado do encontro.

Segundo informou o coordenador geral da conferência pelo Comitê Brasileiro, professor Eudalvo Brito, para hoje à noite está prevista a chegada do rei de Ife, Oba Okunade Sijuwade, Obafunke II, e de muitos outros membros da delegação africana.

Duante a manhã de ontem, muita gente já se encontrava no Centro de Convenções, procurando fazer inscrições e receber o material informativo. O dia de hoje (dia 17 às 17 horas) também será dedicado à inscrição e distribuição de material, e depois da abertura oficial e da primeira sessão, vão ser inauguradas quatro exposições de artes plásticas em diversas dependências do centro: "Grandes Esculturas", "Contemporâneas da Arte Negra", "Artes Plásticas", "Instrumentais e Atempo de Bicosos Afros e Orixás".

TEMÁRIO E OBJETIVO

"A Tradição dos Orixás e as Relações Históricas da África com o Novo Mundo", "A Cultura e a Tradição dos Orixás nas Sociedades sem Desenvolvimento Histórico e Contemporâneas" são temas previstos para serem abordados durante a conferência, cujas atividades consistirão de mesas-painéis, reuniões informais dos participantes e apresentação de comunicações escritas e orais entre outras.

O objetivo maior do encontro é fortalecer a identidade e a dimensão da tradição dos orixás, conforme evidenciam o programa da conferência. Para isso, o encontro busca dar continuidade ao intercâmbio da experiência da tradição orixá nos distintos espaços onde ela se desenvolveu; fomentar a análise crítica significativa dos problemas fundamentais do trabalho dos orixás no mundo contemporâneo e promover as recomendações emergentes das aspersões dos portadores dessa tradição dos diversos continentes regionais.

Para amanhã, às 9 horas, está marcada a mesa-painel "A Tradição dos Orixás e as Relações Históricas da África com o Novo Mundo" abordando temas como a tradição, o colonialismo e o escravismo; as relações históricas de comércio ou cabidos no Brasil e no Caribe; e os primeiros intercâmbios com a África e o nível de tradição. Às 17h30min, haverá visita à Mãe Marinho, às 14h30min, mesa-painel sobre "Religião e Cultura Africana. Continuidade e Identidade". Às 17 horas, apresentação de comunicações e, às 20 horas, exibição do quilô até o dia 23 deste mês.

Embaixadores africanos chegam para conferência

Embora tenha chegado há alguns dias, o grupo de embaixadores africanos que participam da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura chegou oficialmente ao Brasil ontem (16) no Aeroporto de Salvador, vindo de Lagos, na Nigéria.

O grupo, liderado pelo rei Oba Okunade Sijuwade, Obafunke II, e acompanhado por outros membros da delegação africana, chegou ao Brasil ontem (16) no Aeroporto de Salvador, vindo de Lagos, na Nigéria.

O grupo, liderado pelo rei Oba Okunade Sijuwade, Obafunke II, e acompanhado por outros membros da delegação africana, chegou ao Brasil ontem (16) no Aeroporto de Salvador, vindo de Lagos, na Nigéria.

O grupo, liderado pelo rei Oba Okunade Sijuwade, Obafunke II, e acompanhado por outros membros da delegação africana, chegou ao Brasil ontem (16) no Aeroporto de Salvador, vindo de Lagos, na Nigéria.

Conferência debate tradição dos Orixás. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23553, 08 jul. 1983 Caderno 1, p. 4.

A tradição dos Orixás abre conferência hoje. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23563, 17 jul. 1983 Caderno 1, p. 2.



Os representantes do culto afro querem pôr o sistema orixá

Encerrada a conferência sobre Orixá

A necessidade da criação de escolas que obedeam às especificidades de cada região (para que, assim, estas possam manter suas tradições vivas) e da preservação do patrimônio físico da tradição orixá (os terreiros estão desaparecendo, vítimas da especulação imobiliária) foram as conclusões básicas da II Conferência Mundial sobre a Tradição Orixá, encerrada ontem, com a presença do governador do Estado, João Durval, no Centro de Convenções. A conferência reuniu representantes da tradição orixá de todo o Brasil e de diversas partes do mundo, além do rei Oyeseun de Najigbo, Nigéria, e diversos sacerdotes, mães e pais-de-santo. Na sua "Oração Dominical" desta semana, o cardeal Brandão Vilaça fala sobre o encontro, afirmando estar muito interessado "em conhecer detalhadamente, à parte dos aspectos sigilosos da conferência, as conclusões deste plenário colorido e respeitável" (Págs. 2 e 3).

Religião africana quer acabar com sincretismo

Os dirigentes religiosos orixás afirmam que a religião africana quer acabar com o sincretismo que impede o desenvolvimento pleno da cultura afro-brasileira. Segundo os líderes, o sincretismo é uma forma de dominação cultural que impede a expressão autêntica da identidade africana. Eles defendem que a religião africana deve ser reconhecida como uma religião independente e não apenas como um elemento decorativo dentro de outras tradições religiosas.

RICOS E POBRES

Também presente a ideia de trazer a religião africana para o espaço público, onde ela possa ser praticada livremente, sem a interferência de outras tradições religiosas. Os líderes afirmam que a religião africana deve ser reconhecida como uma religião independente e não apenas como um elemento decorativo dentro de outras tradições religiosas.

NAS ESCOLAS

Os dirigentes religiosos orixás afirmam que a religião africana quer acabar com o sincretismo que impede o desenvolvimento pleno da cultura afro-brasileira. Segundo os líderes, o sincretismo é uma forma de dominação cultural que impede a expressão autêntica da identidade africana. Eles defendem que a religião africana deve ser reconhecida como uma religião independente e não apenas como um elemento decorativo dentro de outras tradições religiosas.

DOMÍNIO DE COSTUMES

Os dirigentes religiosos orixás afirmam que a religião africana quer acabar com o sincretismo que impede o desenvolvimento pleno da cultura afro-brasileira. Segundo os líderes, o sincretismo é uma forma de dominação cultural que impede a expressão autêntica da identidade africana. Eles defendem que a religião africana deve ser reconhecida como uma religião independente e não apenas como um elemento decorativo dentro de outras tradições religiosas.

Religião africana quer acabar com sincretismo. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23566, 21 jul. 1983 Caderno 1, p. 1.



Depois do debate sobre os Orixás, o culto festivo no Alaketu

Encerrada a conferência sobre Orixá. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23569, p. 1, 24 jul. 1983.

Embaixadores africanos chegam para conferência. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23563, 17 jul. 1983 Caderno 1, p. 2.

Povo negro se descultura sem a força do Candomblé

O povo negro se descultura sem a força do candomblé. Segundo os autores do artigo, a perda das tradições religiosas africanas contribui para a perda da identidade cultural do povo negro brasileiro. O candomblé é visto como uma das principais formas de resistência cultural e religiosa. A falta de respeito e reconhecimento para com estas tradições resulta em um processo de desculturação que ameaça a sobrevivência cultural do povo negro.

Jehová de Carvalho

Para obter de gentis e dançarão afro, em 23 de dezembro de 1983, comparei-me ao terreiro de São João Batista, no bairro de São João, em Salvador, para assistir à realização de um ritual de candomblé. O ritual foi conduzido por um sacerdote experiente, que explicou a importância de cada elemento utilizado durante a cerimônia. A presença de pessoas de diferentes origens e idades demonstrou o interesse crescente pela cultura afro-brasileira.

Povo negro se descultura sem a força do candomblé. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23566, 21 jul. 1983 Caderno 1, p. 1.

Ialorixás dizem que candomblé é religião

As mães ialorixás afirmam que o candomblé é uma religião e não apenas um conjunto de rituais. Elas defendem que o candomblé possui uma base filosófica e espiritual que o torna uma verdadeira religião. Segundo elas, o candomblé é uma forma de conexão com o sagrado e uma maneira de viver a vida de acordo com os princípios da religião africana.

ESTRELAS

Explorou que os tempos do candomblé e que não podem abandonar a sua cultura por causa de um dia que feriu o coração. Ela afirma que o candomblé é uma forma de resistência cultural e religiosa que deve ser respeitada e valorizada.

Ialorixás dizem que candomblé é religião. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23574, 28 jul. 1983. Caderno 1, p. 2.

Casa Branca homenageia o rei de Ifé

O terreiro ketu Axé Casa Branca realizou, ontem, cerimônia em homenagem ao representante do rei de Ifé, Apena Abayomy, e ao seu acompanhante, o patriarca Oiarwa Epega, da Universidade de Ifé, na Nigéria. Ambos permanecem em Salvador, depois da realização da Conferência Mundial dos Orixá e cumpriram o compromisso de visitar o terreiro de Casa Branca em razão de o rei de Ifé não dispor de tempo suficiente durante o evento e nem mesmo após o seu encerramento, antes de retornar à África.

Apenas, rei de Oxalá, é bisneto de Bamboxê, um dos africanos fundadores da Casa Branca, que retornou ao seu país de origem. Depois do ritual de saudação, à entrada do terreiro, Apena recebeu uma placa de prata, que levará para a África, com a seguinte mensagem: "Salve o rei de Ifé. Homenagem dos filhos da Casa de Anassô". A lembrança foi uma iniciativa dos obás, com o objetivo de registrar a visita do representante de Sua Majestade de Ifé.

SIGNIFICAÇÃO

Os filhos de Axé Casa Branca reuniram-se para receber os visitantes e, ao som dos atabaques, houve troca de saudações, quando Apena agradeceu a homenagem, afirmando que o rei de Ifé ficará satisfeito pela lembrança e que, na primeira oportunidade, voltará, com Sua Majestade, a Salvador, para estreitar, ainda mais, os laços de amizade entre as nações ketu. As cerimônias no terreiro foram coordenadas pela lakekerê Juliana da Silva Baraúna, que responde, temporariamente, pela ialorixá Marieta Vitória Cardoso, "Mãe Marieta".

O fotógrafo Pierre Werger assistiu a todos os atos, enquanto o presidente da Sociedade São Jorge, do Engenho Velho de Brotas — comunidade Casa Branca, Antônio Agnelo Pereira, disse que hoje a entidade aguarda do SPHAN, delegacia da Bahia, a assinatura do termo de tombamento da organização, fundada há mais de 300 anos.

Casa Branca homenageia o rei de Ifé. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23577, 01

Festa de Omulu chega a seu ponto alto hoje

Pouco preocupados com o fim do sincretismo, decidido recentemente no II Congresso da Tradição dos Orixá, realizado em Salvador, os barraqueiros agitam-se ontem, dando os últimos retoques na arrumação de seus produtos — cervejas e refrigerantes, basicamente — no largo da Igreja de São Lázaro, para a festa de Omulu, que terá hoje o seu ponto de destaque.

Enquanto a música de Raul Seixas, "Metamorfose Ambulante", tocava bastante alto, através de uma possante aparelhagem de som, instalada numa das barracas, dentro da igreja, o padre celebrava uma missa onde, entre os fiéis, boa parte usava roupas brancas e colares de "filhos-de-santo".

Os presentes não queriam comentar a questão do fim do sincretismo religioso, recentemente proposto através de um documento assinado por diversos "pais e mães-de-santo" de Salvador. "Eu não sou de nada, meu senhor", afirmava, apressadamente, uma mulher, enquanto colocava na bolsa imagens que o padre acabara de benzer. Diante da insistência do repórter, ela acabou confessando: "Sou ainda uma simples filha-de-santo".

Na opinião do padre Francisco Delunga, vigário da paróquia de São Lázaro, o sincretismo é algo que foge ao controle das religiões. "A Igreja respeita o homem, como Cristo sempre fez. Não podemos rejeitar aqueles que nos procuram. Nós os acolhemos e explicamos que esta é a fé verdadeira".

Hoje será o ponto alto da Festa de São Lázaro e das demonstrações do sincretismo religioso, com pessoas tomando "passes" exatamente defronte das escadarias da igreja. Serão celebradas missas às 7 horas, 8h30min e às 10 horas, sendo esta, a missa solene da festa; à tarde, haverá nova celebração às 16 horas e, às 19 horas é a vez da **Missas dos Barraqueiros**.

Ontem, os barraqueiros ultimavam os preparativos e colocavam cervejas e refrigerantes para gelar. Eles também não queriam falar sobre o fim do sincretismo ou a tentativa de acabar com ele. "O que a gente sabe é o que o povo faz; se ele mistura as religiões, ninguém pode acabar assim com isso, de uma hora para outra", afirmava.

Festa de Omulu chega ao seu ponto alto hoje. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23592, 16 ago. 1983. Caderno 1, p. 3.

Com sincretismo ou não, o candomblé será sempre atração

O sincretismo religioso desenvolvido na Bahia entre as seitas africanas e a religião católica (identificação dos orixás com os santos católicos) começou desde os jesuítas, que não admitiam outra religião senão a deles, permitiram o culto subterrâneo dos escravos para escapar a reação dos senhores de engenho e futores. Mesmo após a abolição da escravidão, o culto, restrito às pessoas mais humildes, continuou sendo alvo de perseguições policiais, dependendo da prévia autorização legal e registro na Delegacia de Jogos e Costumes, para a realização dos seus rituais. A liberação veio com o Decreto Lei Estadual nº. 25.095, de 1976.

Ano que passou, na Bahia, o sincretismo, necessário, quase obrigatório inicialmente, foi absorvido naturalmente e preservado, sem questionamentos, pelos descendentes e atuais seguidores do candomblé. No momento, somando-se a inúmeras outras crenças que prendem a atenção do povo, surge o rompimento entre a Igreja Católica e os terreiros de candomblé, cujos líderes, durante a II Conferência Mundial de Tradição dos Orixá, realizada mais tarde em Salvador, alegando autonomia e coerência, decidiram rejeitar o sincretismo religioso ali nosso e oficialmente vigente. A questão é como separar? De logo, uma preocupação concreta: como descaracterizar a tradicional lavagem do Bonfim, cuja imagem mais forte, de penetração nacional e até internacional, é o cortejo das baianas, tipicamente trajadas? As mães-de-santo que, quando iniciadas, tiveram como "obrigação" assistir a missa numa sexta-feira na Igreja de Senhor do Bonfim, santo católico da maior devoção dos baianos? O cardal prímaz do Brasil, D. Avelar Brandão, Vilela na sua oração para discussão do assunto, prevê a participação da BahiaTursa, Associação dos Cultos Afro-Brasileiros, secretário de Educação do Estado, dirigentes dos terreiros, integrantes de blocos afro e afetos. Enquanto isso, algumas das mais antigas mães-de-santo já se mantiveram a decisão de não abrir mão dessa arraigada assimilação.

Os atabaques são os principais instrumentos de toque nos terreiros.



Com sincretismo ou não o candomblé sempre será atração. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23583, 07 ago. 1983. Turismo e

Mãe-de-santo defende sincretismo religioso

As obrigações para Tempo, que no sincretismo religioso corresponde a São Lourenço, foram cumpridas; ontem, Dor terreiros de candomblé como o de São Jorge, filho da Gomeia, liderado por Mãe Mirinha do Portão, que disse não estar preocupada com as discussões sobre o sincretismo e se recusa a participar de qualquer debate sobre o assunto.

"Foi assim que conheci o candomblé e é nisso que morro", diz a mãe-de-santo, acrescentando que, para ela, Santa Bárbara será sempre Iansã; São Jerônimo, Xangô; São Jorge, Oxossi e Santo Antônio, Ogum. E tem mais, segundo Mãe Mirinha: "Sou católica, gosto de missa e aprecio D. Avelar Brandão, a quem tomo a bênção e ele abençoa".

Mãe Mirinha tem 59 anos de idade e fez santo aos 9 anos, tendo sucedido a Joãozinho da Gomeia, há quase 13 anos. Ela não participou da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixá, que pediu o fim do sincretismo religioso. Por motivos de saúde, ela acompanhou os debates através dos noticiários e enviou um filho para representá-la. Sobre as decisões, diz que quem quiser que acompanhe, mas ela não tomará conhecimento e continuará, inclusive, assistindo e mandando celebrar missas, cultuando as imagens de santos que tem em casa e dos quais gosta muito.

OBRIGAÇÃO

O que Mãe Mirinha lembrou dentro do candomblé, é que uma pessoa quando faz santo, tem por obrigação assim que sai da camarinha, de visitar a Igreja do Bonfim e depois a de São Lázaro. Ao saber que o sincretismo será motivo de debates entre adeptos do candomblé, BahiaTursa, prefeitura



Mirinha do Portão

e outros órgãos, disse que não tem tempo nem se interessa pelo assunto, pois não irá mudar de opinião.

Louvar a Deus e fazer o bem são as coisas que Mãe Mirinha acha importante. Quando alguém lhe faz algum mal, diz que "entregou a 10 de agosto, que é o dia de Tempo, de remorso da consciência". No momento, por exemplo, diz que muitos são os que lhe procuram pedindo para conseguir emprego e com frequência fornece cartas de apresentação para lugares diversos.

Quem começou a Lavagem de Iatupá foi Mãe Mirinha e mais as mães-de-santo Lina, Nair e uma filha-de-santo de Mãe Eulina. Hoje, ela não mais participa nem mesmo da Lavagem do Bonfim, por motivos de saúde.

Mãe-de-santo defende sincretismo religioso. **A Tarde**. Salvador, ano 70, nº. 23587, 11 ago. 1983. Caderno 1, p. 2.

◆Notícias de *Diário de Notícias*, jornal baiano:

CONFRENCIA



O sr. Vivaldo da Costa Lima, quando falava sobre problemas das etnias baianas.

Problema do negro exposto sob nova luz: Vivaldo Costa Lima

Conferência sobre o tema "Etnias Baianas" foi ontem realizada na Faculdade de Odontologia pelo etnólogo Vivaldo da Costa Lima, que representou o Centro de Estudos Afro-Orientais no ciclo de palestras "Cultura Baiana".

Argumentando sempre sob um ponto de vista crítico e polémico o sr. VCL colocou o problema do estudo antropológico e etnológico em termos de revisão, procedendo uma análise retrospectiva sobre a bibliografia existente.

EPÍGRAFE GR

"Ao tema do negro e à vida do negro" foi uma epígrafe do sociólogo baiano Guacirino Ramos usada pelo conferencista, que ainda estudou as relações básicas das raças formativas do povo brasileiro, o negro em primeiro plano.

Lamentando certo empirismo e racismo nos antropólogos e etnólogos do passado, o sr. Vivaldo da C. Lima encerrou sua palestra afirmando "no destino e no futuro dos estudos antropológicos, despido de alienação e inautenticidade. E ainda acrescentou:

— A consciência nacionalista que se forma abrange inclusive o negro. Aquela que permite consciência popular e valorização étnica das origens étnicas.

Esta foi a segunda conferên-

cia realizada pelo sr. Vivaldo da Costa Lima, este mês, sobre etnias baianas.

Problema do negro exposto sob nova luz: Vivaldo Costa Lima. *Diário de Notícias*. Salvador, ano LXXXV, nº. 17741, 19 mai. 1960. 1º Caderno, p. 2.

No ano eleitoral Roberto libera cultos da Polícia

Aproveitando a movimentação em torno da festa do Bonfim, num ato considerado político, — pois o decreto poderia ter sido assinado há muito tempo — o governador do Estado, após participar do cortejo em homenagem ao santo, anunciou a liberação da licença policial para funcionamento dos cultos afro-brasileiros na Bahia e, à tarde, no palácio da Aclamação, rodeado de baianas vestidas em seus trajes típicos, assinou o decreto que permite cumprir a sua promessa anunciada no adro do Bonfim. O assunto é muito discutido — inclusive com interferência da igreja que teme a expansão dos cultos — e marca uma fase positiva e de luta da Federação dos Cultos Afro-Orientais na Bahia, embora não se possa tirar o mérito da medida tomada pelo governador e apadrinhada pelo prefeito Jorge Hage. Há muito tempo a Federação vem lutando no sentido de revogar esse dispositivo policial previsto em lei e, recentemente, o delegado da Jogos e Costumes foi contra a disposição. Falando sobre o assunto, uma baiana, que preferiu não se identificar, disse que se "trata de uma medida muito acertada pelo governo, pois queira ou não a polícia os cultos preservam uma tradição religiosa e popular, que não podem ter vínculos diretos e obrigatórios com a polícia para o seu funcionamento". No Bonfim, durante a lavagem, o governador e o prefeito, acompanhados por baianas, populares, turistas e autoridades, percorreram a pé o percurso da Conceição ao adro, numa maratona que nem a segurança das autoridades conseguiu controlar os passos do governador. No adro, as baianas lavaram a entrada da igreja, numa festa tradicional da Bahia. (Página 3).

No ano eleitoral Roberto libera cultos da polícia. *Diário de Notícias*. Salvador, ano 100, nº. 22101, 16 jan. 1976, p. 1.

LIBERDADE PARA TERREIROS

Na presença de nove filhas de santo da Casa Espírita e o Sr. Olegário Gona Baiman-Cha Espírita e o Sr. Olegário Gona Baiman-Cha de Canga, a tarde no Palácio das Artes, o sr. Roberto Santos, governador do Estado, anunciou o decreto que libera as entidades religiosas do registro obrigatório na Secretaria de Segurança Pública, agradecendo, em sua saudação e louvação, o presidente da Associação Baiana do Culto Afro-Brasileiro, Agostinho Mendes, falou em nome de todos os adeptos.

"Durante a estrutura coletiva que se deu ontem, Roberto Santos, das novas perspectivas para a região de Iracó, com vistas a superar a seca, de acordo com os contatos realizados em Brasília, também foi abordada a conveniência que tem o Ministério das Comunicações, sobre a validade da implantação de uma rádio comunitária em Salvador e, com o Ministério de Educação, para um programa de ensino na rede municipal.

Durante que estão em situação de emergência de emergência, o governador não admite que seja decretada a suspensão de atividades públicas no município de Iracó, porque considera que a situação pode ser superada com esta intervenção. Quanto à representação política, sabe que se pode ser "positiva em face do estado reconhecido e da eficiência do governo".

Falando das novas medidas que serão adotadas na região de Iracó, Roberto Santos declarou que recebeu uma e após aprovação do Governo Federal e dos órgãos administrativos, deverá ir para Salvador e seguir para Iracó, na segunda-feira, o superintendente da Sudene, o presidente da Codevasp, o diretor geral do Denoc, um dos diretores do Banco do Brasil e o Ministro do Interior, Rangel Reis.

Além dessas medidas, o governador anunciou a disposição do Banco do Brasil de cobrar as dívidas existentes com um prazo mais longo, para os agricultores poderem liquidar seus débitos. Neste sentido, os Bancos do Estado e o do Nordeste também se movimentarão. Foi assegurado que, caso haja necessidade, será enviada maior quantidade de alimentos à região.

O governador informou que "é possível dispender esforços na construção de estradas que não precisem de projetos e que os órgãos do governo estão em entendimento com empresas que realizam obras, como o Polo Petroquímico e a BR-415 que liga Ilhéus a Conquista". Porém, disse, "não queremos que o deslocamento seja feito desordenadamente. Estamos em contato com empresas interessadas e com aquelas que se ajustam e poderemos articular o deslocamento em função dos novos empregos".

Além com referência à utilização da mão-de-obra desocupada, da qual a Embrape vem fazendo um levantamento, Roberto Santos disse que "há possibilidade de perfuração de poços, tanto pelo Estado, Sudene, como por particulares que receberão financiamento dos órgãos públicos". Também está em vista a construção de pequenos açudes.

Sobre a canalização de água deorro do Chapéu para Iracó, foi mantido contato ontem em Brasília com a Codevasp. Segundo o governador, será possível o aproveitamento de dois rios na região. O Jacaré, a leste de Iracó, pode ser preenchido com a construção de barragem, mas não chega até à sede do município, devido à sua altura.

Quanto ao rio Verde, que é pouco e a oeste de Iracó, pode trazer a área. Também foi pensado no melhor aproveitamento da fertilidade das terras da região, com um conhecimento mais aprofundado, segundo o sr. Roberto Santos, pois, como disse o governador, "nesso caso com a facilidade de mecanização, a produtividade é muito baixa". Tendo em vista isto, serão estudadas outras espécies de vegetais ou variedades para a região.

Quanto à rádio educativa, o principal objetivo, segundo o governador, seria trazer professores leigos. Como 60% dos alunos de primeiro grau estão em escolas municipais e a maioria dos professores é de leigos, os programas seriam dirigidos a estes professores.

No que se refere ao programa de ensino no para a rede municipal, o governador manteve contato com a finalidade de assegurar apoio. O programa que envolve investimento na ordem de Cr\$ 4 milhões pretende aprimorar as condições físicas das escolas rurais com construção de novas salas de aula, que geralmente reúnem alunos de várias séries numa só sala e aquisição de material escolar indispensável.

Liberdade para os terreiros. *Diário de Notícias*. Salvador, ano 100, nº. 22101, 16 jan. 1976, p. 3 – Grande Salvador.

Notícias de Jornal da Bahia:

JORNAL DA BAHIA

A comitiva internacional — à frente o Rei Oni, de Ifê, o sumo-sacerdote da tradição dos orixás — ficará hospedada nas casas da cidade, que já batem para Xangô, símbolo protetor do evento: as 400 pessoas que participaram da II Conferência Mundial Sobre a Tradição dos Orixás e Cultura, de 17 a 23 de julho, serão recebidas em alguns dos mais de mil terreiros convidados.

A hora se aproxima: a comissão encarregada se reúne no acalorado terceiro andar da Fundação Cultural, nos Barris. O professor Edvaldo Brito é o coordenador-geral. Representantes de blocos e afixos, de entidades oficiais e casas de culto, discutem as últimas providências para organizar a discussão do culto e da cultura dos orixás. Faltam poucos dias para os debates e as cerimônias: Salvador será, definitivamente, a capital dos orixás.

Por Vander Prata.

De 17 a 23 de julho, Salvador será a capital mundial dos orixás

De 17 a 23 de julho, Salvador será a capital mundial dos Orixás. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7579, 05 jul. 1983. 2º Caderno – Especial, p. 4.

Mundo negro discute a "cultura dos orixás"

A importância para a II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, que começa neste domingo, no Centro de Convenções, a participação dos representantes de países africanos e a sua cultura. A comissão encarregada pelo coordenador-geral Edvaldo Brito...

Um encontro em homenagem aos orixás será realizado no Centro de Convenções, no domingo, às 19h. O evento será organizado pelo professor Edvaldo Brito, coordenador-geral da comissão organizadora. O encontro terá como objetivo discutir a importância da cultura dos orixás para o mundo negro. O encontro será aberto a todos os interessados. O ingresso é gratuito. O encontro será realizado no Centro de Convenções, no endereço: Rua Manoel de Araújo, 100, Salvador, Bahia.

Mundo negro discute a "cultura dos Orixás". **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7590, 17 e 18 jul. 1983. 1º Caderno – Cidade, p. 11.

Briga pela Roça do Axé

"Uma bobagem", e até uma "falta de respeito", a iniciativa do "Mestre Didi" (Deocoredes Maxú, iliano dos Santos) de mover uma ação de Usucapião contra a Sociedade Cruz Santa do Axé-Opô-Afonjá. Pelo menos é o que acha o presidente da entidade, o artista plástico Carybé para que essa atitude de "maioriação" do Obá não vai resultar em nada.

Mestre Didi deseja garantir uma área correspondente a cinco lotes na área do Axé — cada um medindo 6x18 metros — onde estão construídas três casas e que, como argumenta na 1ª Vara Cível do Fórum Rui Barbosa, foram doadas pela sua mãe Maria Bibiana do Espírito Santo — "Mãe Senhora", a penúltima yalorixá do Terreiro.

Mas segundo Carybé que constituiu o advogado Luiz Calmon Teixeira para a defesa, o terreno é da "roça" e todo mundo que possui casa na área paga uma taxa. Ele está consciente de que a causa será ganha pela entidade da qual, além de todo o pessoal da casa, pertencem as pessoas interessadas no Candomblé como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Waldeloir Rego e outros.

Na ação que deu entrada na Justiça, em fevereiro passado, o advogado do Mestre Didi, José Roberto Luz dos Santos argumenta que estando ele "em posse mansa e pacífica, livre de qualquer contestação ou oposição posse essa, que somada a posse de sua mãe, ultrapassando o período previsto a utilização do terreno a partir de 30 anos. O artista plástico diz que não sabe o que o Mestre está querendo, uma vez que ele possui diversos terrenos, inclusive na Fliba, "não é por esse "terreninho" que ficaria pobre nem rico.

Na verdade, uma ação desta demonstra na sua opinião, falta de respeito a uma tradição que começou em 1930 com a fundadora do Axé, "Mãe Aninha", seguida por "Tia Bada", "Mãe Senhora", "Mãe Odina" e a atual, "Mãe Stela". O advogado do "Mestre Didi", garante ontem que o mestre não deseja prejudicar o Terreiro, apenas garantir um terreno que recebeu da mãe.

Foi "Maria Bibiana quem lhes ajudou a construir as três casas ficando duas como residência de Nidia Maria dos Santos e Felix dos Santos, respectivamente IBB, e neto de "Mestre Didi", e a outra com ele. No dia 18 de agosto será realizada a primeira audiência de justificação de posse — o processo será julgado pelo Juiz João Santa Rosa de Carvalho.

A que estava prevista para 17 de maio passado não ocorreu em consequência da não publicação do edital pelo "Mestre Didi". Mas agora tudo está correndo dentro dos trâmites legais. Ontem saiu nos jornais do "extra" de edital de certificação finalidade que será anexado aos autos onde já existem, entre outros documentos, fotos da área em questão.

Caribé acha que é bobagem de Didi contínuo de muito mais de vinte anos, se perde no tempo, vem requerer a presente ação de Usucapião".

No entanto Carybé refuta isto, afirmando que ninguém pode provar que o terreno foi doado. Além disso, a Lei de Usucapião criou um clima de expectativa. Uma das yalorixás, "Mãe Aninha" informou que "Mestre Didi" é uma das maiores autoridades na Bahia no "culto dos ancestrais" e por isso não pode dar entrevista, sobretudo política.

A questão começará a ser resolvida a partir de agosto próximo quando será realizada a primeira audiência — de justificação de posse — no Fórum. A entidade presidida pelo artista plástico que condena a atitude do Obá e Assombé de Axé, já constituiu advogado, Luiz Calmon Teixeira. "Mestre Didi" que a igualação da posse de um terreno doado por sua mãe a penúltima yalorixá do Terreiro, em São Gonçalo do Retiro, no entanto, a notícia publicada no jornal

Ação na Justiça envolve terrenos e casas do Axé Opô Afonjá

Briga pela Roça do Axé. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7588, 15 jul. 1983. 1º Caderno – Cidade, p. 3.

Mestre Didi não quis falar

O "Mestre Didi", recusou-se ontem, a falar sobre a ação de Usucapião que está movendo na 1ª Vara Cível do Fórum Rui Barbosa contra a Sociedade Cruz Santa do Ilê-Axé-Opô-Afonjá, alegando que sua religião não lhe permite fazer "maioriação", como ele denomina conceder entrevista.

Após primeiro contato telefônico com a repórter do JORNAL DA BAHIA ele foi logo afirmando a sua condição de artista "com trabalhos até no exterior" e não quis ouvir as perguntas sobre o assunto.

Nas poucas palavras que pronunciou enfatizou que "a coisa é particular, não tem nada com o jornal. O problema é com minha gente, não é público". No Terreiro, em São Gonçalo do Retiro, no entanto, a notícia publicada no jornal

criou um clima de expectativa. Uma das yalorixás, "Mãe Aninha" informou que "Mestre Didi" é uma das maiores autoridades na Bahia no "culto dos ancestrais" e por isso não pode dar entrevista, sobretudo política.

A questão começará a ser resolvida a partir de agosto próximo quando será realizada a primeira audiência — de justificação de posse — no Fórum. A entidade presidida pelo artista plástico que condena a atitude do Obá e Assombé de Axé, já constituiu advogado, Luiz Calmon Teixeira. "Mestre Didi" que a igualação da posse de um terreno doado por sua mãe a penúltima yalorixá do Terreiro, em São Gonçalo do Retiro, no entanto, a notícia publicada no jornal

Mestre Didi não quis falar. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7589, 16 jul. 1983. 1º Caderno – Cidade, p. 3.

II Conferência dos Orixás foi instalada ontem

Com a participação de mais de mil pessoas, e sem a presença do Rei do Ifê, Oxi Ifê Obá Obubá II, foi iniciada ontem a noite no Centro de Convenções a II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, numa promoção da Fundação Cultural do Estado, Secretaria de Indústria e Comércio, BahiaTuras e Condição.

Na abertura da conferência, seu coordenador, professor Edvaldo Brito, fez a leitura de uma saudação especial do escritor Jorge Amado — "Todos somos brasileiros; nem índios, nem estrangeiros, sem exclusivismo, ser brasileiro" — e mostrou sua emoção, dizendo que "este encontro é uma grandeza de reunião a que temos o privilégio de assistir. Certamente, esta é uma das maiores emoções de minha vida e não foram poucas".

A mesa de abertura dos trabalhos da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura foi composta pelo prefeito Manoel Castro, Oliveira Barradas, diretora executiva da Fundação Cultural, a vice-presidente do Comitê Internacional, Martha Vega, professora Ieda Pessoa de Castro, representando o setor da UFBA entre outras personalidades. Ainda na abertura da Conferência, o Mestre Didi Deocoredes dos Santos interpretou alguns cânticos religiosos, ao que foi acompanhado pelas yalorixás dos terreiros de Salvador que também compunham a mesa. A Conferência Nacional da Tradição dos Orixás e Cultura prossegue no Centro de Convenções, até o dia 23.

II Conferência dos Orixás foi instalada ontem. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7591, 19 jul. 1983. 1º Caderno – Cidade, p. 3.



Conferência negra: o candomblé é uma religião e não atração folclórica. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7594, 22 jul. 1983. 2º Caderno – Especial, p. 4.



Sincretismo: devagar com o andor, que o santo é de barro. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7613, 13 ago. 1983. 2º Caderno – Cultura Crítica, p. 4.



Igreja X Candomblé. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7596, 24 e 25 jul. 1983. 1º Caderno – Cidade, p. 3.



Força e vigor do candomblé no Brasil. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7595, 23 jul. 1983. 1º Caderno – Cidade, p. 3.



Terreiros negam briga com Igreja. **Jornal da Bahia**. Salvador, ano XXV, nº. 7608, 07 e 08 ago. 1983. 1º Caderno – Cidade, p. 11.

♦Notícia do jornal *Quilombo*:

NÓS

ABDIAS NASCIMENTO

NÓS saímos — vigorosa e ativamente — ao encontro de todos aqueles que acreditam, — com ingenuidade ou malícia —, que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de **QUILOMBO** não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, sinão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura.

A cultura, com intuição e acentos africanos, a arte, poesia, pensamento, ficção, música, como expressão étnica do grupo brasileiro mais pigmentado, paulatinamente vai sendo relegada ao abandono, ridicularizada pelos líderes do "branqueamento", esquecendo-se esses "aristocratas" de que o pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freire). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem criador e receptor vem desde 13 de maio de 1888 (Artur Ramos).

Nosso caso se relaciona com todo o problema que determina o predomínio político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios. Apesar do tempo que antecedeu a conquista da América quando o Papa Pio II, Silvio Eneás Piccolomini, levantou impedimentos teológicos ao tráfico português de africanos; depois da guerra de secessão nos Estados Unidos motivada pela emancipação dos escravos; após as lutas libertadoras de Cuba e Brasil, o problema segue no mesmo pé. Quando já não se pôde falar de servidão e submissão militar, querem arrancar ao negro o domínio econômico e político de sua terra, como na África do Sul; tram-lhe violentamente seus direitos no país que ajudou a formar e construir, como nos Estados Unidos; ou arduamente despojam-lhe dos meios psicológicos e mentais que o capacitariam a adquirir a consciência de sua verdadeira condição ante uma igualdade legal, como no Brasil.

A situação apenas esboçada torna-se mais nítida quando assistimos o Haiti pleitear e conseguir, no Pacto de São Francisco, a condenação de todas as discriminações raciais. Nas últimas eleições dos Estados Unidos, apareceu o candidato dos sudocratas Strom Thurmon com programa beligerantemente racista e abusivo, que conseguiu mais de um milhão de votos, e a própria vitória de Truman baseou-se na campanha pelos direitos civis para todo o povo norte-americano, inclusive os negros. A Índia, nesta mesma Assembleia que se realiza em Paris, levou ao conhecimento das Nações Unidas o problema da discriminação na África do Sul, onde reacionários descendentes dos contrabandistas "boers", com unicamente um milhão e meio sobre nove milhões de nativos, venceram as eleições contra o partido do general Smuts, favorável aos negros.

É transparente esta verdade histórica: o negro ganhou sua liberdade não por filantropia ou bondade dos brancos, mas por sua própria luta e pela insubstituição do sistema escravocrata (Caio Prado Jr.). Aqui ou em qualquer país onde tenha existido a escravidão. O negro regeita a piedade e o filantropismo aviltantes e luta pelo seu direito ao Direito.

O negro brasileiro já conquistou seu direito teórico e codificado mas necessita o exercício ativo desse direito. Como brasileiros nós protestamos contra a existência, não só dos Ku-Klux-Klan alienígenas, como dos autóctones kukluxkian de mentalidades e atitudes.

O nosso trabalho, o esforço de **QUILOMBO** é para que o negro rompa o dique das resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegure a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações. Os atentados e essa paridade jurídica, e de fato praticados frequentemente em nosso meio, são anti-democráticos, separatistas e lesivos à integração.

(Continua na pág. 6)

NASCIMENTO, Abdias. Nós. *Quilombo*. Rio de Janeiro. N.º. 1, dez. 1948, p. 1.

1.º Congresso do Negro Brasileiro de 1949

TEMARIO APROVADO POR UNANIMIDADE A 13 DE MAIO DE 1949, NA SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA NACIONAL DO NEGRO

A Conferência Nacional do Negro, considerando a conveniência de se continuar o estudo das questões referentes ao negro e em geral ao homem de cor, em reunião democrática, resolve convocar o 1.º Congresso do Negro Brasileiro, iniciativa do Teatro Experimental do Negro, comemorativo do centenário da abolição do tráfico de escravos, entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 1949, no Distrito Federal.

A Conferência Nacional do Negro convida os escritores, os historiadores, os antropólogos, os folcloristas, os musicistas, os sociólogos e os intelectuais em geral a prestigiar, com a sua colaboração, a realização do Congresso, e pede a cooperação de negros e mulatos, homens do povo, para que o Congresso possa ser representativo das aspirações e tendências gerais da população de cor.

A Comissão Organizadora da Conferência Nacional do Negro, transformada, em virtude desta resolução, em Comissão Central de Coordenação do Congresso, ficará incumbida de nomear, para cada Estado e para o Distrito Federal, Comissões de Preparação locais, que farão a propaganda do Congresso e encaminharão, à Comissão Central de Coordenação, temas, comunicações e sugestões de interesse para o mesmo.

A Comissão Central de Coordenação expedirá as instruções necessárias, preparará o regimento do Congresso e tomará providências para a sua realização na data prevista.

GURETHER RAMOS
EDISON CARNEIRO
ABDIAS NASCIMENTO

Temario do 1.º Congresso do Negro Brasileiro

HISTÓRIA

I — Os elementos negros importados. O tráfico de escravos. Distribuição dos africanos no país. Números do tráfico. Estatísticas da população escrava nas províncias. A migração interior de escravos (tráfico interno).

II — Castigos de escravos. Deformações consequentes do trabalho escravo. O escravo nas plantações de cana de açúcar, de café, de algodão. O trabalho nas minas. O trabalho doméstico.

III — Os quilombos e as revoltas de escravos. Palmares. Os negros matas na Bahia. Os balaios. O movimento de fuga das lavouras paulistas.

IV — Contribuição do negro à abolição e à campanha abolicionista. Luiz Gama e José do Patrocínio. As juntas de alforria.

V — O valor do escravo, na África e no Brasil. Os mercados de escravos. As crias.

VI — Os Terços de Homens Pretos (os Henriques). Colaboração do negro na luta contra o invasor holandês. O negro na guerra do Paraguai. O negro nas bandeiras. O homem de cor nas Inconfidências Baiana (1798). Contribuição do negro à Independência. Participação do negro nos movimentos populares de 1822 a 1849. João Cândido e a revolta da Armada (1910). O negro e a FEB.

VII — Figuras eminentes de negros.

VIDA SOCIAL

I — Condições gerais de vida da população de cor. Caracterização social da população negra. Distribuição social e espacial da população de cor.

II — Aspectos demográficos. Crescimento da população de cor. Estado e movimento da população de cor. Natalidade e mortalidade. Mortalidade infantil. A população de cor segundo os recenseamentos da República.

III — Sistema de vida da população de cor. Hábitos alimentares. Habitação. Profissão. Higiene. Educação. Relações sexuais. Poder aquisitivo. Associações culturais, recreativas e beneficentes. Jogos e passatempos. Condições de trabalho.

IV — Aspectos patológicos da população de cor. Criminalidade. Vadiagem, alcoolismo e prostituição. Doenças frequentes na população de cor. Doenças transmitidas da África.

V — Status social do negro. O negro e o mulato na literatura, nas ciências e nas artes. O negro nas cidades e nos campos. As favelas. O negro nas forças armadas. O negro e o mulato na Igreja, nas profissões liberais, na indústria e no comércio. Migrações da população de cor. Padrões de vida.

VI — Assimilação e aculturação da população de cor. O contato de raças. Os subtipos resultantes do contato de raças. Importância social e histórica do mulato. O intercâmbio sexual entre as nações africanas. A discriminação de cor, seus motivos, suas consequências, sua importância.

VII — Possibilidades de organização social do negro e do homem de cor, tendo em vista a elevação do seu nível cultural e econômico. Orientação vocacional do negro e do mulato. Desenvolvimento do espírito associativo.

SOBREVIVÊNCIAS RELIGIOSAS

I — A religião dos negros. A religião dos gêtos. Os candomblés de caboclo, Macumba e Umbanda. O tambor de mina. Os parás. Os xangôs. A cibula. Contribuição do negro à pagelação. Os ritos funerários. A feitiçaria e a adivinhação. O sincretismo religioso. Processos aculturativos das religiões do negro no Brasil.

II — Organização e funcionamento das casas de culto. Influência da casa de culto na vida civil. Os chefes de seita e sua importância para a população de cor.

III — O curandearismo.

IV — A música, a dança e o canto rituais.

SOBREVIVÊNCIAS FOLCLÓRICAS

I — Folguedões coletivos. Bumba-meu-boi. Quilombos. Maracatús. Afôxés. Rodas de samba. Makulidê. Capão de mato. O auto dos Congos. O frêvo. Batuacadas. Os cordões carnavalescos. Escolas de Samba. O louvor a São Benedito.

II — Disputas dialogadas do negro e do branco. Pal Jôko.

III — Formas de luta. A capoeira de Angola e suas várias formas. O batuque, os batuqueiros e a pernada.

IV — O negro e o mulato no folclore nacional.

V — Os contos populares de procedência africana. As canções de trabalho.

LÍNGUAS

I — O negro, o gêto. A língua de Angola e do Congo (quilombado). O dialeto muçurumim. As línguas faladas nos anos da escravidão. As línguas faladas atualmente no Brasil.

II — Transformações do quilombado, do negro e de outras línguas no Brasil.

III — Modificações devidas às línguas africanas no português do Brasil.

IV — A língua falada e a língua cantada. Vocabulários.

V — Importância do negro, do gêto e do quilombado nas religiões e nas manifestações culturais de origem africana em geral.

VI — Sobrevivências linguísticas.

ESTÉTICA

I — O negro e a criação estética.

II — O negro e a escravidão como temas de literatura, poesia, teatro, artes plásticas.

III — Particularidades e sobrevivências emocionais do negro.

IV — Integração e participação do negro e do homem de cor na evolução geral das artes no Brasil.

V — A literatura, poesia, teatro, artes plásticas a serviço da causa abolicionista.

VI — As artes em geral como meio de valorização social do negro e do homem de cor.

1.º Congresso do Negro Brasileiro de 1949. *Quilombo*. Rio de Janeiro. N.º. 3, jun. 1949, p. 5.

ABOLIÇÃO

ABDIAS NASCIMENTO

N a consciência abolicionista podemos distinguir três formas principais de manifestação: a jurídica, a sentimental e a social-econômica. O negro Luiz Gama, em São Paulo, e o aristocrata Joaquim Nabuco, prosseguiram a reação jurídica contra o escravismo iniciada por José Bonifácio...

Os sentimentalistas somaram a maioria. Combatiam a escravidão por princípios de solidariedade humana ou de civilização. O nome mais decisivo dessa corrente foi o da Princesa Isabel que durante suas regências lutou pela abolição total. Creava, paralelamente ao trabalho de Luiz Gama, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, André Rebouças e outros, um clima moral entre os brancos e um clima libertário entre os negros...

Desenvolvendo-se inicialmente em plano secundário, outra corrente depressa tomava vulto passando a influir na balança política: a corrente social-econômica. Integrou-a o industrialismo nascente, os problemas da imigração européia, do liberalismo econômico, e outros. Todas as consequências diretas da revolução industrial inglesa e de sua influência sobre a produção dos demais países...

Porém acima do valor dessas correntes sobressaía-se a bravura indomável dos próprios escravos. Foram os inimigos encarniçados do regime escravocrata. Foram eles liquidaram de fato antes de ser derrogado por lei...

Pela permanência desse sentimento de liberdade e dignidade nos nossos negros encaminhamos nossa luta e nos colocamos contra aqueles que ainda hoje conservam o escravagismo psicológico e procuram impedir-lhes de ocupar o lugar que moral e humanamente lhes corresponde no tecido da sociedade brasileira.

Conferência Nacional do Negro

Por iniciativa do Teatro Experimental do Negro, instala-se hoje a Conferência Nacional do Negro, cujo principal objetivo é formular uma agenda de temas para o I CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO...

A Conferência Nacional do Negro, realizando uma extensa consulta aos estudiosos do problema negro no Brasil, marca-se por uma nova era no movimento geral do povo de cor. Sem qualquer intenção agressiva, a Conferência vai fazer o levantamento das aspirações do negro por duas no Distrito Federal e nos Estados...

INSTALA-SE HOJE NA A. R. I. — FINALIDADE CULTURAL E CIENTIFICA — PROMOVIDA PELO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Grande tem sido o número de adesões, vindas dos pontos mais distantes do território nacional, convidando a colaboração de intelectuais como os Profs. Roger Bastide, da Universidade de São Paulo, Arthur Ramos, da Universidade do Brasil, escritor consagrado da ordem do dia uma saudação à Organização das Nações Unidas (ONU) pela passagem, ontem, de mais um aniversário da vitória aliada sobre o nazismo.

NASCIMENTO, Abdias. Abolição. Quilombo. Brasil. N.º. 2, mai. 1949, p. 1; Conferência Nacional do Negro. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 2, mai. 1949, p. 1

COMO SE DESEENROLA UMA FESTA DE CANDOMBLÉ EM RECIFE E XANGÓ E NO RIO MACUMBA



Candomblé da Baía sul, desenho de Paul o DF, vendo-se ao centro o "santo" Xangô

latão: uma filha E. de Oxóse, de verde, carregará uma espada, uma filha F. de Oxóse, de amarelo, carregará uma espada, uma filha G. de Oxóse, de azul, carregará uma espada... Cada qual desses orixás terá, entre a assistência, pessoas especiais da sua aflição... O objetivo principal do candomblé parece ser a presença dos orixás entre os mortais...



Sincretismo religioso: altar de Yemanjá — candomblé da Baía — sendo-se à esquerda a santa correspondente no catolicismo, N.º. 2 do Rosário. A orquestra sendo cumprimentada por um "santo" na casa de Mãe Joana — Xangô de Recife

CARNEIRO, Edison. Como se desenrola uma festa de candomblé. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 1, dez. 1948, p. 4 e 5

ESPÍRITO E FISIONOMIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

ABDIAS NASCIMENTO

DISCURSO DE ABERTURA DA CONFERÊNCIA NACIONAL DO NEGRO, NA A. B. L. A 9 DE MAIO DE 1949

... Há muitas pessoas que não apreendem a relação entre uma iniciativa comunitária Conferência que ora inauguramos e o Teatro Experimental do Negro. Nesta oportunidade, seja-me permitido fazer algumas considerações em torno de assunto.

... O Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade de objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo imperativo da organização social da gente de cor, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e sua valores individuais. Entretanto, o espírito associativo não é alportado. Ou, melhor ainda, o espírito associativo é atribuído da massa esclarecida e de elevado padrão cultural. Daí ser quase impossível, como se pode depreender da observação da vida brasileira, associar homens e mulheres em função, apenas, de objetivos sociais.

Reconhecemos no início de nosso empreendimento a necessidade de apelar para uma tática sociológica ou seja para um tipo de ação não idealística e idópoloco ideológico, mas sensível e ajustada à configuração psico-social, cuja transformação almejavamos. Com efeito, se estudarmos a vida das associações de homens de cor neste país, coherentes a lição de que a maioria delas têm fracassado precisamente por carecerem daquilo que poderemos chamar de atitude sociológica. Ora nascem da revolta e organizam-se somente para lutar — de modo direto e imediato — contra a injustiça e a discriminação de cor, agravando, assim, o processo de solução do problema de uma grande parte da população brasileira; ora inspiram-se em intuítos políticos — algumas vezes legítimos e a maioria das vezes infundáveis — e, neste caso, servem quase sempre a interesses pessoais. De um modo ou de outro, a vida de tais associações era efêmera ou, quando não, de vida atante precária, delas resultando quase nada de positivo, a não ser um desorientamento inconsequente.

Qual a razão disto? Por que motivo extinguiram-se, ou permanecerem carecendo de importância, sem nenhum resultado em seus trabalhos, tantas sociedades de objetivos tão nobres e acertados, muitas até dirigidas por homens capazes? Farece-nos, e tudo o confirmam, que o motivo estava e está, em que os fins dessas associações, embora fossem algumas vezes corretamente identificados, os meios de ação eleitos para atingi-los foram desadequados.

É este um fenômeno muito comum na vida do grupo e do indivíduo. Identificados os objetivos, é necessário assegurar a eficácia dos meios para que o bom êxito seja obtido. Onde se conclui que os responsáveis por essas sociedades tiveram, em muitos casos, habilidade para a compreensão e uma inabilidade para a ação.

Ho, portanto, em todo movimento social, a ordem dos meios e a ordem fins, ambas inter-relacionadas.

O Teatro Experimental do Negro pertence à ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções. A massa dos homens de cor, de nível cultural e educacional normalmente baixo, jamais se organizou por efeito de programas abstratos. A gente negra sempre se organizou objetivamente, entretanto, sob o efeito de apelos religiosos ou interesses recreativos. Os terreiros e as escolas de samba são instituições negras de grande vitalidade e de raízes profundas, dir-se-ia, em virtude de sua teatralidade. O que devemos colher desta verificação é que só poderemos reunir em massa o povo de cor mediante a manipulação das sobreentên-

cias pseudomáticas subsistentes na sociedade brasileira e que se prendem às matrizes culturais africanas.

A mentalidade da nossa população de cor é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas ou lógicas, os conceitos, as idéias, mal a atingem. A Igreja Católica compreendeu isto e o sucesso das missões na época colonial vem daí.

Não é com elocubrações de gabinete que atingiremos e organizaremos esta massa, mas captando e sublimando a sua profunda vivência ímpetu, a que exige a profusão de uma certa intuição morfológica com o senso sociológico. Com estas palavras de desejo assinalar que o Teatro Experimental do Negro não é, nem uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psico-sociológico, tendo em vista adotar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento da classe média e superior da sociedade brasileira.

Isto tem sido o T. E. N. Desde sua fundação, em 1944, criou aulas de alfabetização e de iniciação cultural, com a colaboração de ilustres intelectuais, como os professores Rez Crawford, então adido cultural à Embaixada Americana, José Carlos Lisboa, da Universidade do Brasil, Santa Rosa, Will Keller, escritores Raimundo Souza Dantas, Guerreiro Ramos, José Francisco Coelho, Maria Yeda Leite, Irônides Rodrigues e muitas outras personalidades. Montamos três peças de Eugene O'Neill, auspiciadas pelo próprio autor — "Imperador Jones", "Todos os Filhos de Deus Têm Azas" e "Moleque sonhador"; uma de Lúcio Cardoso — "O Filho Pródigo"; dois recitais de poesias, de Castro Alves e de Cruz e Souza; lançamos os novos autores — Joaquim Ribeiro com "Aranjado" e José de Moraes Pinho com "Filhos de Santo", as quais, acrescidas de "Auto da Noiva", de R. Fusco, iniciam a criação de um teatro, por assim dizer, regional brasileiro, assentado nas reminiscências míticas e no impulso místico dos negros. Neste ano, o T. E. N. se prepara para intervir nas comemorações do 2º centenário do artista ariano Goethe, representando uma de suas peças. Temos conseguido tudo sem agressividade. Por exemplo: levar domésticas e operários humildes para o palco do teatro de maior responsabilidade do Brasil — o Municipal, reunir em nossas festas e atos sociais diplomatas de várias embaixadas, a melhor sociedade do Rio. Todas essas têm sido ocasiões estimuladoras do desenvolvimento da personalidade, ensinadas pelo T. E. N. a negros e mulatos. E, ainda com absoluto sucesso, promovemos a valorização social das riquezas eugênicas da malata e da negra através de concursos anuais da "Rainha das Mulatas" e da "Boneca de Pise", realizando, assim, um programa de formação do gosto estético popular e de exaltação dos valores genuínos da civilização brasileira.

Tal é a fisionomia do T. E. N. A Conferência Nacional do Negro se integra nesse programa como instrumento de declinação do negro brasileiro. Com efeito, a população de cor, em virtude do seu baixo nível cultural, não tem a preparação necessária para definir os seus próprios problemas. Precisamos ouvir os estudiosos, consultar os entendidos e ouvir os próprios negros. E com este fim que nos reunimos nesta semana, numa homenagem aos que lutaram pela libertação dos escravos e nos deram o 13 de maio, como nos reuniremos em setembro de 1950, no 1º Congresso do Negro Brasileiro, comemorando o centenário da extinção do tráfico escravista.

LIBERDADE DE CULTO

EDISON CARNEIRO

Nenhuma das liberdades civis tem sido tão impunemente desrespeitada, no Brasil, como a liberdade de culto. O texto constitucional não tem clareza, embora seja claro como a luz do dia o princípio democrático que lhe serve de base, — e qualquer beleguim da polícia se acha com o direito de intervir numa cerimônia religiosa, para semear o terror entre os crentes. Esta violência já se tornou um hábito, sem que contra ela se eleve sequer uma voz de protesto, nem mesmo quando a casa de culto, na forma da Constituição, tem personalidade jurídica.

Esse desrespeito a uma liberdade tão elemental atinge apenas as religiões chamadas inferiores. E, quanto mais inferiores, mais perseguidas. A Igreja Católica não se vê incomodada pelas autoridades policiais, ainda que interrompa o tráfego, numa cidade sem ruas como o Rio de Janeiro, com as suas morosas procissões. Nem as seitas protestantes. Outras religiões mais discretas, de menor número de aderentes, como a budista e a muçulmana, escapam somente porque a sua própria discreção as resguarda. Já as religiões mais populares, mais do agrado da massa, — o espiritismo e a macumba, — são vítimas quase cotidianas da influência moralizadora — a depredação, as borrachadas e os bofetões — da polícia. De segunda a sábado, as folhas diárias, numa inconsciência criminosa dos perigos a que expõem todos os brasileiros, incitam a polícia a invadir esta ou aquela casa de culto, cobrindo de ridiculo as cerimônias que ali se realizam. E ninguém se levanta em defesa do direito tão primário, que têm os responsáveis e os fregueses dessas casas, de dar expansão aos seus sentimentos religiosos como lhes parecer mais conveniente.

O texto legal ajuda os perseguidores de essas religiões, já que, depois de afirmar a inviolabilidade da liberdade de consciência e de culto, a Constituição (art. 141, § 7.º) ressalva a intervenção do Estado, desde que os cultos "contrariem a ordem pública ou os bons costumes". A interpretação de cada caso, na falta de uma lei adjetiva que regulamente a matéria,

cabem à polícia — e sabemos o que pode acontecer, em desmando e em arbitrariedade, quando algum dos direitos do homem fica entregue aos façanhudos Javeris indignas. Quanto à ordem pública e aos bons costumes, será a polícia quem pode decidir nestas questões?

Ora, são exatamente os motivos por assim dizer constitucionais — basta ler o noticiário da imprensa — os invocados pela polícia para interferir com a liberdade de culto. O macumbreiro que fuma o charuto do Velho Lourenço, engole brasas ou esmagam cacos de vidro com os pés nus, não está prejudicando "os bons costumes". Isso não impede que seja espancado, metido no fitzufeiro, atirado na enxovia, ultrajado e vilipendiado pelos escribas da imprensa venal. Nem o médium espírita, servindo de veículo para os mortos, conduzindo para o seio dos vivos os irmãos do espaço, está pondo em perigo "a ordem pública". Com efeito, que "ordem pública", que "bons costumes" serão esses? Todos sabem que é a intervenção policial nesses cultos que subverte a ordem. E quanto aos costumes, será possível que os "bons" costumes sejam apenas o pipaf, as corridas do Jockey, a vegabundagem nas praias de Copacabana e de Guarujá ou as especulações da Bolsa? Pode-se argumentar, pelo contrário, que essas religiões continuam hábitos tradicionais do branco, do negro e do índio. E ainda mais quando, como na verdade sucede, os "bons" costumes estão de tal maneira penetrados de elementos mágicos, preloquios, superstitias das antigas religiões deuses três grupos humanos.

O cambômbé da Bahia, a despeito da sua fama internacional, do respeito que merecem os homens de consideração, ainda paga um selo policial para realizar as suas festas. Outro dia, a Igreja Católica Brasileira do ex-bispo de Maura foi impedida de funcionar, em virtude de decisão judicial. As macumbas do Rio, os parás de Pôrto Alegre, os xangôs de Macéio e do Recife, a pagélança e o cambômbó, o tambor-de-mina, as sessões espíritas, — todas as instituições religiosas (ou aparentemente religiosas, como a Maçonaria) existentes

(Continua na pág. 2)

CARNEIRO, Edison. Liberdade de culto. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 5, jan. 1950, p. 7.

NASCIMENTO, Abdias. Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro. Quilombo. Rio de Janeiro. N.º. 3, jun. 1949, p. 11.

O PROBLEMA DA LIBERDADE DE CULTO

CARTA DO SR. PAULO ELEUTÉRIO FILHO EX-CHEFE DE POLICIA DO PARÁ AO PROF. NUNES PEREIRA, SOBRE O IMPORTANTE ASSUNTO — "NAS ESTATÍSTICAS DO DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA NÃO FIGURAM OS "TERREIROS" COMO FOCOS DE DESORDENS OU COMO CONTRÁRIOS AOS BONS COSTUMES"

UM dos assuntos que mais tem preocupado QUILOMBO, assim como aos estudiosos, mais conscienciosos dos fenômenos sociais e religiosos do nosso país, é o da liberdade de culto, infelizmente negada e cercada da maneira mais reprovável no Brasil, malgrado haver um dispositivo constitucional que assegura o direito.

Temos nos batido sempre por isto: a liberdade da expressão religiosa deve ser um fato. Num país de tradição essencialmente democrática, como o nosso, e onde o seu povo possui uma vocação libertária secular, a negação de um direito representa algo condenável sob todos os aspectos. Ainda mais quando se trata de religião, cultos com profundas raízes na alma da gente brasileira, que não devem ser encarados levianamente como coisas reprováveis e de baixa manifestação, mas algo sério e respeitado por estudiosos eruditos e cientistas eminentes.

A intolerância religiosa, entretanto, não domina o Brasil inteiro, felizmente. No Estado do Pará os terreiros são abertos aos fiéis praticantes, resguardada, assim, a liberdade religiosa dos habitantes daquele próspero estado do norte. A este respeito, abrimos coluna, e seguiu, a uma carta do sr. Paulo Eleutério Filho, ex-chefe de Polícia do Estado do Pará, e recentemente falecido, dirigida ao prof. Nunes Pereira, sociólogo dos mais acatados e autor de obras do mais alto valor sobre o assunto.

E' o seguinte o teor da missiva: "Belem, 14 de Março de 1950. Presadíssimo Nunes Pereira:

Encheu-me você o dia de hoje, com sua boníssima carta e com o exemplar de "Quilombo", — extraordinária visão publicitária da vida, problemas e aspirações do negro. Encantou-me essa decisão viril dos nossos conterrâneos de cor, lutando pela valorização, quer econômica, quer social, quer cultural ou política, da minoria racial que nos veio do elemento servil. Efectivamente, como disse o prof. George Schuyler, não há, entre nós como nos Estados Unidos, um problema racial, e sim um problema de cor. De maneira que a fronteira discriminativa é muito frágil e está sendo transposta a toda hora. Daí o interesse de não estudarmos o negro como simples peça de museu ou com intuito cabotino ou intenção mal fardada, como doutrinou esse formidável articulador negro que é Abdias Nascimento. Neto de senhores de engenho, de grandes proprietários rurais verdadeiramente feudais, a minha preocupação em relação aos negros deriva do sentimento de culpa ignominiosa de quem teve avós proprietários de escravos. O labéu infamante não cabe, evidentemente, a quem é neto de escravos, que disso não teve responsabilidade. Não há dúvida de que

o pior é ter sido "dono" de semelhantes nossos em corpo e alma... E' preciso notar, entretanto, que nem todos os meus antepassados apreciaram a escravidão. Alguns deles, como o velho José Eleutério, que foi deputado provincial no Ceará e era da do as belas letras (escrevia com pena de pato...), nunca tiveram escravos. Sinto-me, portanto, muito à vontade para trabalhar para redimir as almas dos que os tiveram...

Pergunta-me você detalhes de minha ação, na chefia de

balde Brasil. Ribamar de Moura (outro morto), Baranquidier da Cunha, J. Eustaquio de Azevedo (nova cruz a acrescentar às demais), Osório Nunes, Olavo Nunes (mais uma cruz), Carlos Victor, José Tomaz Maroja, Augusto Meira, você e por mim. Argumentávamos (pobres sonhadores!) que o caráter dos batuques paraenses ainda era religioso, com os ritos e os fundamentos místicos de uma religião primitiva, já em contacto com uma religião superior, como o catolicismo. Não se tratava, apenas, da li-



Polícia do Pará, em relação à liberdade de cultos afro-brasileiros O como e o porque de uma atuação diversa da de meus antecessores. E' tudo muito simples.

Em 1938, exatamente no dia 16 de dezembro, um grupo de intelectuais paraenses compareceu ao Palácio do Governo e entregou ao então interventor federal um memorial solicitando o restabelecimento dos cultos afro-brasileiros, então proibidos pela polícia, em Belem. O sr. José Malcher prometeu ler e resolver o arrazoado, nada fazendo, entretanto, possivelmente receloso das sanções intolerantes do eleitorado católico ortodoxo.

Esse manifesto era assinado por Gentil Puget, nosso folclorista hoje falecido, que foi o iniciador do movimento, por Angelo Nascimento, Pedro Borges, Bruno Menezes, Remigio Fernandez, Stelio Maroja, Oséas Antunes, Cécil Meira, Machado Coelho, Dalcido Jurandir, pelo saudoso Genésio Cavalcante, Osvaldo Viana, Lourival Damasceno (hoje também falecido), Artur França, Gar-

berdade dos cultos, mas da contribuição desses terreiros, mesmo com seu caráter profano, aos estudos sociais brasileiros. Já se disse que o negro é o denominador comum das Américas, tornando-se o seu estudo uma exigência dos modernos processos de análise social.

Sem a livre atividade desses cultos, não se poderia levantar "novas identidades culturais", pois é no material colhido nas manifestações da cultura primitiva, ao contacto ou em relações com culturas mais adiantadas, que se estabelecem padrões, métodos e bases para conclusões sociológicas. Os cultos então realizados no Pará revelavam evidentemente uma expressão da cultura negra em contacto com a cultura superior, produzindo o chamado sincretismo religioso, ou o fenômeno de aculturação.

Quando, em março de 1948, assumi a Chefia de Polícia, os "pais de terreiro" ensaiavam timidamente a volta aos cultos. Alguns me procuraram para obter livres garan-

(Cont. na pág. 11)

CANTO NEGRO

A beira do poço negro debruço-me, nada alcanço. De certo perdi os olhos que tinha quando criança. De certo os perdi. Com eles é que te encarava, preto, gravura de cama e padre talhada em pele e no medo. Ai, preto que ris de mim, nesta roupinha de luto e nesta noite sem causa, com saudade das amocacas que nunca vi e a que fui num cabelo de sovaco. Preto que vivi, chupando já não sei que seios moles mais claros no corpo preto no longo corredor preto entre volutas de preto cachimbo em preta cozinha. Já não sei onde te escondes que não me encontro nas tuas dobras de manto mortal. Já não sei, negro, em que

[vaso] que vão ou que labirinto de mim, te esquivas a mim e zombas desta gelada calma de sulco e alma em que me pranteio, branco, brinco, bronco, triste blau de neutro braço escóssio... Meu preto, o bom era o nos-

[so] O mau era o nosso. E amá- [vamos] a comum essência triste que transmutava os carinhos numa visguenta doçura de vulva negro-amaranto, barata! que vosso prego, ó corpos de antigamente, sômente estava no dom de vós mesmos ao desejo, num entregar-se sem pejo de terra pisada. Amada, talvez não, mas que cobiça tu me despertavas, linha que subindo pelo artelho, enovelando-se no joelho, dava ao mistério das coxas uma ardente pulcritude, uma graça, uma virtude que nem sei como acabava entre as noites e coágulos

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

da letárgica tocia onde a gente se passava se perdia, se afogava e depois se resacava. Bacia negra, o claro que súbito entremontava e por sobre a vida ilumina toda a vida neste amarelo desmor das poses de todo dia, sol preto sobre água fria. Entram meninos na noite preto branco branco preto, vejo os pés pretos e suas

dentes de marfim moles o alvor do riso escorrendo outra negridão maior. o negro central, o negro que enegrece teu negro e que nada mais ressurte além dessa solidão que do branco vai ao preto e do preto volta pleno de soluções e ressumos, como um rancor por si

Como um rancor por si vem do preto essa terrível essa onda amarga esse lá a rodar pelas calçadas, família vou perdida. uma garrafa de pia de treva ou coisa nenhuma Esse estar e não-estar, esse não-estar já-sendo, esse ir e refluir, dançar de embigo, sofrer, brunir bem a roupa que só um anjo vestira quando os anjos se mirrassem Essa nostalgia rara de um país antes de toda antes do mito e do sol, onde as coisas nem de brasa

eram chamadas, lançando definitivas eternas coisas de antes dos homens. A beira do negro poço debruço-me; e nele vejo agora que não sou moço, um passarinho e um desejo



UM VIGOROSO DOCUMENTO HUMANO — Ethel Walker e Jeanne Crain em um instante de grande emoção de filme de Kazan: "O que a Carne Herda" (Pink) vigoroso documentário sobre a questão racial nos E.E. U.U.

PROSSIGUE A CRUZADA PARA A SEGUNDA ABOLIÇÃO

ENCONTRA-SE na ordem das discussões, na Câmara dos Deputados, um projeto de lei do deputado Afonso Arinos (sob número 562 - 1950) que considera contravenção penal, a ser punida nos termos da lei, a discriminação racial, estúpida e injustificada, que se vem verificando, aqui e ali, no nosso país. O projeto do ilustre parlamentar vem ao encontro de uma velha aspiração dos lutadores negros do Brasil que há quase um século, vêm lutando, com todas as suas energias para exprimir os resíduos de um preconceito, "snob" e tolo, que dia a dia assomava entre nós outros, fazendo brilhar aqui e ali, os seus frutos vergonhosos para os brasileiros.

A luta dos homens de cor do Brasil não data de ontem. Nasceu da necessidade de lutar pelos seus direitos, brotada do fundo da alma dos homens que um dia compreenderam a amplitude dos horizontes que estavam reservados aos homens de pigmentação preta do Brasil, logo que compreendessem a posição que devem ocupar, por direito, entre os demais cidadãos que formam a imensa coléctividade brasileira, os lutadores, entretanto, logo de saída toparam com um obstáculo inesperado e que era mister remover para uma tentativa profunda de valorização. Este obstáculo constituía os resíduos do preconceito que, aqui e ali, apareciam para tentar humilhar os homens de cor, procurando fazer da cor de sua pele um sinal de humilhação, espelhando-se nos tristes exemplos que nos chegam dos Estados Unidos.

O clamor que se ergeu em todo o território nacional, graças às denúncias feitas pela imprensa esclarecida ajudaram em muito a nossa luta.

A VOZ DE HAMILTON NOGUEIRA

O senador Hamilton Nogueira levou à Assembléia Constituinte o protesto contra o absurdo estado de coisas que se vinha criando no nosso país. Com a sinceridade que o caracteriza, o representante do povo carioca teve oportunidade de fazer oportunos comentários sobre o assunto, denunciando o pronunciamento de um sentimento anti-patriótico e racista que visava desunir o povo brasileiro num desencaminhamento que tendia a criar uma situação intolerável entre todos. Foi a primeira vez que o Congresso tomou conhecimento da situação. E isto fez meditar aos congressistas.

INCIDENTE DO GLORIA

No Baile dos Artistas no ano de 1949, Abdias Nascimento, acompanhado de outros elementos do Teatro Experimental do Negro, foi barrado a porta do Hotel Gloria. Motivo: eram negros. E mesmo exibindo os seus convites pessoais expedidos pelo organizador do Baile não conseguiram persuadir o policial atrabalhado que ali se encontrava. O fato causou profunda repulsa no seio da sociedade e da imprensa brasileira e protestos não se fizeram esperar, vindo de todas as partes do país. No Senado, o senador Hamilton Nogueira subiu a tribuna para denunciar o fato e pedir energias providências para o caso pois não se tratava de um incidente comum, mas algo de extrema importância que, dia a dia, vinha tomando corpo, visando criar um constante estado de constrangimento entre os brasileiros. Na Câmara dos Deputados, o Sr. Barreto Pinto usou da palavra em nome do P. T. B., da mesma forma, condenando tal atitude policiaesca e pedindo a punição dos seus responsáveis. Posteriormente, o incidente foi esclarecido e o próprio presidente da República,

general Eurico Gaspar Dutra, autorizou tomar as providências que cabiam serem tomadas.

PROTESTA CID FRANCO

Hoje, graças aos nossos esforços, a luta ganha um novo terreno, vez que não nos tem faltado apoio no combate para a extirpação do preconceito. A este propósito, o vereador Cid Franco na Câmara, pronunciou recentemente o seguinte discurso:

"O SOFRIMENTO TEM RAÇA, TEM COR, TEM PATRIA?"

"O Sr. Cid Franco — Sr. Presidente e srs. Vereadores. Está escrito na Constituição Brasileira: "Todos são iguais perante a lei".

Entretanto, a página 145 do "Indicador das Obras Oficiais do Estado de São Paulo", publicada pela Imprensa Oficial, lê-se o seguinte: "Fundação Nossa Senhora Auxiliadora de Ipiranga". "Finalidade: — Instrução primária religiosa e doméstica a meninas órfãs, de oito a treze anos de idade, de cor branca e brasileira, (regime de internato)".

Essa instituição, como outras, deseja o auxílio dos poderes públicos. O auxílio depende de projeto de lei. Mas, se todos são iguais perante a lei, nos termos da Constituição Brasileira, como podem os poderes públicos auxiliar uma instituição que só aceita crianças "de cor branca e brasileiras"?

Infelizmente se bem que disfarçado existe ainda no Brasil o preconceito de raça, o preconceito de cor, embora não se encontrem em nossas leis qualquer dispositivo que o justifique. Há pessoas e instituições que raciocinam como no tempo da escravidão do negro e pessoas e instituições para as quais parece não tivemos no Brasil um 13 de maio, pessoas e instituições que ainda aceitam aquela equiparação de negros e animais, feita pelas "Ordenações Manueltas" no título assim redigido: "De como se podem enfeitar escravos ou bestas por doença ou manqueira".

E um vestígio dessa mentalidade a condição imposta pela instituição beneficente a que me referi: "Instrução primária, religiosa e doméstica, a meninas órfãs, de oito a treze anos, de cor branca e brasileira".

Mas que culpa tem uma menina órfã de ser negrinha? Como pode uma instituição protetora de meninas órfãs trancar as suas portas na cara de uma negrinha órfã?

Isto é feito em nome de Deus? Isso é feito em nome de Cristo? Isso é feito em nome da fraternidade cristã?

Nunca. É feito em nome do ódio e do preconceito, ódio e preconceito incompatíveis com o progresso democrático do nosso tempo, ódio e preconceito que hei de combater em toda parte, na imprensa, no rádio, nas salas de aulas nesta Câmara ou em praça pública.

O mais estranho é que a instituição em apreço ministra as mesmas instruções religiosas. Mas como pode fazê-lo? E de que maneira o faz? Excluindo da convivência a quem me refiro: "Instrução primária, religiosa e doméstica, a meninas órfãs, de oito a treze anos, de cor branca e brasileira as órfãs de cor ou estrangeiras".

Gostaria que os dirigentes da instituição me respondessem: O sofrimento oriundo da orfanidade tem raça, tem cor, tem pátria?

Nenhum dos meus companhe-

DEP. AFONSO ARINOS SUBMETE À APROVAÇÃO DA CÂMARA UM PROJETO DE LEI QUE CONDENA COMO CRIME A DISCRIMINAÇÃO RACIAL — A PALAVRA DO SOCIÓLOGO GILBERTO FREYRE — O INCIDENTE COM KATHERINE DUNHAM, EM SÃO PAULO

ros socialistas religiosos ou não, nenhum dos meus companheiros católicos, protestantes, espiritualistas ou espíritas, é capaz de aceitar e defender a condição da branqueira e da brasileira, para que uma órfã mereça proteção.

O Sr. Valério Giuli — V. Excia. está fazendo uma afirmativa que acredito seja verdadeira.

O Sr. Cid Franco — Disse a V. Excia. que se trata de publicação feita pela Imprensa Oficial, no "Indicador das Obras Sociais do Estado". A afirmação que o Sr. Valério Giuli — Se de fato é verdadeira a afirmação de V. Excia. ...

O Sr. Cid Franco — V. Excia. pode aceitar como verdadeira, porque repito a V. Excia. que me baseio no "Indicador das Obras Sociais do Estado". Gostaria que V. Excia. aceitasse como verdadeira a minha afirmação.

O Sr. Valério Giuli — Nesse caso, vai recorrer a mesma revolta tal restrição que concerne à cor ou mesmo no que possa concernir à própria religiosidade das alunas. Entretanto, esta Câmara estará atenta para, na hipótese de qualquer pedido de isenção ou mesmo de subvenção, alertar os poderes públicos para esse pormenor.

O Sr. Cid Franco — Posso adiantar a V. Excia. que a Comissão de Assistência Social realizou recentemente, uma visita à Instituição, a seu convite. Foi com surpresa que o nobre Vereador Barbas Tapinambá e eu (e penso que também o nobre Vereador Lauro Cruz) notamos a ausência de meninas de cor. Lá tudo é branco, com exceção de uma jovem que se encontrava na cozinha, trabalhando, ao fogão. Tive a impressão de que não era uma internada. Era, quando muito, uma "empregada de casa", uma cozinheira. Quanto às outras, todas crianças brancas.

Se a instituição é realmente católica, deve saber que catolicismo significa universalismo. Não acredito que os católicos esclarecidos, o professor universitário Paulo Sawaya, por exemplo, meu grande amigo, presidente da Associação de São Vicente de Paulo, ou o meu companheiro, Domingos Vellasco, deputado federal socialista, católico praticante, não acreditem que nenhum coração voltado com sinceridade para os ensinamentos de Cristo seja capaz de aceitar, tolerar e praticar esse odioso preconceito.

Aqui fica o meu protesto. E como vice-presidente da Comissão de Assistência Social desta Câmara só darei meu voto favorável a qualquer auxílio à instituição que nomeei, se ela provar que revogou a condição constante do "Indicador das Obras Sociais do Estado de São Paulo".

E acho que os poderes públicos deviam até proibir o funcionamento de entidades assistenciais com esse vício antidemocrático.

Era o que devia dizer, sr. Presidente. (Muito bem! Palmas).

REQUERIMENTO DO DEP. JONAS CORREIA

Sobre o assunto, demonstrando o quanto de interesse existe, hoje, em fórnio da situação do negro brasileiro, o deputado Jonas Correia encaminhou à mesa da Câmara dos Deputados, o seguinte requerimento:

"Requero sejam, por intermédio da Mesa da Câmara dos Srs. Deputados, solicitados

ao Ministério da Educação e Saúde, as seguintes informações: 1 — Se as Instituições Assistenciais abaixo mencionadas recebem anualmente, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde, subvenções em dinheiro: "Dispensário São José" — Finalidade: Socorrer a pobreza, engronhada e os filhos dos pobres matriculados no Dispensário — Condição de admissão — Cor branca.

"Colégio Santa Marcelina" — Finalidade: Educação da Juventude feminina — Condição de admissão cor branca.

"Orfanato do Colégio Imaculada da Conceição" — Finalidade — Educar meninas pobres e órfãs de boa família e de cor branca.

"Recolhimento Santa Tereza" — Dependente da Santa Casa da Misericórdia — Condição de admissão — Cor branca.

"Asilo Bom Pastor" — Finalidade: Regeneração e preservação de menores do sexo feminino — Condição de admissão: cor branca, e o caso de essas Instituições estarem recebendo tais subvenções informar:

a) Se já há qualquer providência do Ministério da Educação e Saúde, no sentido de ser aplicada imediatamente a sanção que couber contra as referidas Instituições que deliberaram não receber em seus Asilos, Dispensários ou Orfanatos crianças pobres de cor preta, ferindo, assim de frente o art. 141 parágrafo 5.º da nossa Constituição que não permite o preconceito de raça.

Justificação

O presente requerimento fundamenta-se no fato estranhável e inadmissível que estamos a observar, relativamente ao m.º o.º como vem agindo as Entidades de Assistência acima discriminadas.

Um dos Catálogos de Obras Sociais do Distrito Federal, editado pela Legião Brasileira de Assistência cita um pequeno número de instituições de Assistência Social compreendido por Dispensários, Colégios, Orfanatos, Asilos, etc. Dentre essas instituições, acham-se as que acima se encontram discriminadas, e que deliberaram, conforme diz o citado Catálogo da Legião Brasileira de Assistência, não aceitar crianças, pobres de cor preta. Tal resolução não pode ser admitida num país de povo civilizado como é o nosso. A nossa Carta Magna, em seu artigo 141, parágrafo 5.º, não tolera o preconceito de raça. E, assim, não é possível colocar-se uma linha divisória entre o branco e o preto, principalmente no campo da assistência social.

E o mais grave é que as Organizações Assistenciais a cima referidas, as quais, um gesto verdadeiramente odioso, estão colocando à margem de seus Asilos, Dispensários ou Orfanatos as crianças pobres de cor preta, devem estar recebendo dos cofres do Tesouro Nacional, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde, subvenções em dinheiro à título de auxílio.

Se a preocupação do governo consiste em cumprir e fazer cumprir a letra da Constituição Federal, as Instituições de Assistência Social em apreço, por certo que já deveriam ter recebido as sanções que porventura lhes couber.

O que não é possível é que no Brasil existam Entidades de Assistência Social se locupletando com o auxílio pecuniário do próprio governo e que só queiram amparar crianças de cor branca, deixando ao completo aban-

dono meninas ou meios pobres de cor preta. O fato, pois, está a merecer a atenção dos Poderes Públicos, e até mesmo, a interfeirência, do próprio governo, em nome mesmo da Constituição da República e, ainda dos princípios de solidariedade humana. — Jonas Correia.

Entretanto, a nossa luta ainda não terminou. Os nossos objetivos são simples e os meios que usamos são a força dos argumentos e o desejo de formar uma força viva no seio da coléctividade brasileira numa união grandiosa para o fortalecimento da pátria. Os racistas venientes, porém, não sabem mais onde por suas unhas peconhentas. E sem tabeada idiosincrasia, e sem tabeada agora, contra um dos últimos significativos dos meus artigos nos universais Katherine Dunham, a grande bailarina brasileira norte-americana, aplaudida em delirio pelas platéias de todo o mundo, estevesse entre nós realizando uma série de espetáculos. Em São Paulo, a direção do Hotel Esplanada, entretanto, não letou em cortar ao menos o nome da grande Katherine e não permitiu o seu registro ali... por que ela era negra!

Mais de uma vez temos nos batido contra estes abusos que estão transformando o Brasil, aos olhos do mundo num país semi-barbário. A atitude da direção do Hotel Esplanada, de saída, sem se chocar com a nossa Constituição que proíbe a discriminação racial. Tal atitude, como não podia deixar de acontecer, causou a mais profunda repulsa no seio dos brasileiros conscientes.

DENUNCIA DE GILBERTO FREYRE

A atitude retrógrada dos donos do Hotel paulista não podia passar sem um protesto solene e cubre ao deputado Gilberto Freyre, ilustre sociólogo e uma das figuras mais brilhantes da geração de pensadores brasileiros, tomar palavra, na Câmara, e reclamar energéticas providências contra tal agressão. Em vibrante discurso, teve oportunidade de historiar a nossa luta e os resultados obtidos pelos homens de cor na sub-batalha de recuperação culminando com a denúncia desses traidores dos seus irmãos brasileiros que querem fazer do ódio mesquinho que os domina uma moda perigosa e infamante para a memória das nossas avós que nos legaram uma tradição de luz e de sacrifício. O discurso de Gilberto Freyre é o seguinte:

O SR. GILBERTO FREYRE (na explicação pessoal)

Sr. Presidente. Se é certo que um hotel da capital de São Paulo recusou acolher como seu hospede a artista norte-americana Katherine Dunham por ser pessoa de cor o fato não deve ficar sem uma palavra de protesto nacional nesta casa. Pois entre nossas responsabilidades de representantes da Nação Brasileira está a de vigilância democrática, da qual tanto se fala hoje nos discursos mas que nem sempre é praticada. E nos momentos precisos. E este é um momento — o do ultraje à artista admirável — em que o silêncio como dever seria uma traição aos nossos deveres de representantes de uma nação que fez do ideal senão sempre da prática da democracia social, inclusive a étnica, um dos motivos de vida de uma das suas condições de desenvolvimento.

Pais incanaracterístico na verdade de gente sem tradição própria, sem espírito seria o Brasil em que num grande Estado como o de São Paulo orgulho da nação inteira, a tal ponto se levava a imitação (Continua na pág. 9)

Fac-símile de uma notícia publicada no jornal *Correio da Bahia*, com o título “A pensão abençoada: Previdência dá aposentadoria a mãe-de-santo baiana e beneficia religiosos de todos os credos”, em 18 de setembro de 2000:

CATÓLICO
 Valdeck Ornélas
 não é seguidor
 de cultos
 afro-brasileiros

SÍMBOLO DE BAIANIDADE

Ornélas exibe a Imagem de Xangô no gabinete

- A peça de metal foi presente do artista plástico baiano Patí Moreno
- Xangô é associado à Justiça e corresponde a São João, da Igreja Católica
- Costuma ser retratado com um machado duplo, que simboliza a imparcialidade
- Vaidoso e atraente, Xangô é reverenciado pelos adeptos do candomblé como uma divindade temida e violenta

Roberto Castro/ÉPOCA

GOVERNO

A pensão abençoada

Previdência dá aposentadoria a mãe-de-santo baiana e beneficia religiosos de todos os credos

A mãe-de-santo Benedita Maria Pereira tem 68 anos e tornou-se famosa em Salvador, na Bahia, com o apelido Ditinha de Oxum. Ela espalhou-se pelo país na última semana, quando ela conquistou a Previdência Social e aposentadoria um salário mínimo por mês (hoje, R\$ 151). Ditinha nunca pagou um centavo ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e receberia o benefício mesmo se não tivesse vínculos com o candomblé. Qualquer brasileiro com mais de 67 anos e renda inferior a R\$ 37,75 por mês tem direito a ele. Ainda assim, o INSS abriu uma exceção para Ditinha e aposentou-a como mãe-de-santo. A brecha permitirá que brasileiros empregados como “ministros religiosos” sem a incorporação de auxílio. “Ser sacerdote de qualquer religião torna uma profissão com direito à aposentadoria”, interpreta o ministro da Previdência, Valdeck Ornélas, baiano como a mãe-de-santo. Mas os religiosos que quiserem benefício igual a Ditinha terão de recolher mensalmente R\$ 30,20 aos cofres do INSS.

Benedita requereu a aposentadoria em 7 de agosto. Começará a recebê-la já em outubro. Ela mora numa casa de três quartos no bairro Coutos, periferia de Salvador, com quatro filhas e seis netos. Trabalha em dois terreiros, um deles instalado no quintal. Nunca teve renda fixa. “Ganho alguma coisa quando o cliente pede para jogar búzios ou fazer uma limpeza espiritual”, informa. Admiradora militante do presidente do Congresso, Antonio Carlos Magalhães, sempre vota nos candidatos que indica. “Toda a minha família votou em Valdeck Ornélas para o Senado

TRADIÇÃO
 Ditinha de Oxum, devota do candomblé há 64 anos, tornou-se mãe-de-santo há 18

Marcio Lima/ÉPOCA

em 1994”, garante. Afilhado político de ACM, o ministro ganhou a simpatia de uma categoria numerosa. “A Bahia tem 800 mil pessoas que poderiam se enquadrar na atividade religiosa, mas apenas 30% contribuem por trabalhar em outra profissão”, diz Aristides Mascarenhas, presidente da Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro. Em nenhum outro Estado religiões de origem africana juntam tantos fiéis. Para divulgar a nova regra, Ornélas marcou reuniões em Salvador com os seguidores dos cultos afro-brasileiros. Depois do caso de Ditinha de Oxum, outras 12 pessoas procuraram a federação baiana de candomblé, todas interessadas em alcançar o benefício.

Cerca de 38 milhões de brasileiros não contribuem para a Previdência porque não têm profissão reconhecida pelo INSS. Assim como fez com os religiosos, o governo estuda a possibilidade de reconhecer novas profissões para ampliar o número de contribuintes e de brasileiros com direito à aposentadoria. Hoje, os segurados do INSS são quase 27 milhões. Antes da decisão de Ornélas, os padres católicos eram os únicos religiosos reconhecidos como trabalhadores com direito aos benefícios da Previdência Social. ■

LUCIANA PINSKY,
 DE SALVADOR

18 DE SETEMBRO, 2000

39

7287
 69

CONF. - Federação Nacional da Religião Oxum
 Correio da Bahia, 18/Set/2000

→ ÉPOCA
 ANO III Nº 1

ANEXO C: IMAGENS DA SANTERÍA E DO CANDOMBLÉ

Altars em Cuba:



Canastillero com representações de Oxalá, Iemanjá, Oxossi, Xangô e Obalúá

Altars no Brasil:



Altar para Iemanjá



Quarto de pomba-gira cigana



Altar para o Marujo

Oferendas em Cuba:



Oferenda a lemanjá



Oferenda para lemanjá

Oferendas no Brasil:



Oferenda para lemanjá



Expressões do sincretismo na religião afro-c

Pai-de-santo levando balaio com oferenda para lemanjá



Virgen de Regla e Iemanjá

Expressões do sincretismo na religião afro-brasileira:

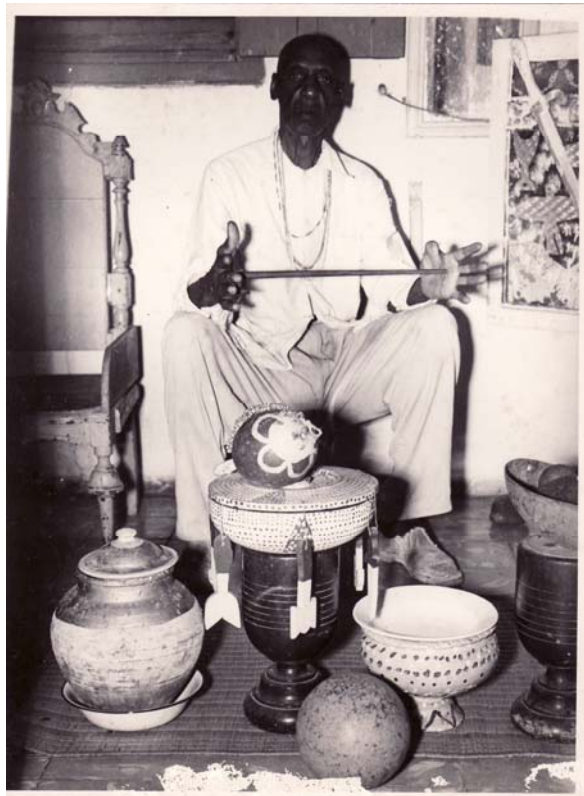


Barracão de um terreiro ornamentado com imagens do santoral católico (Santa Bárbara, São Jorge e Santa Luzia)

Representações do poder religioso em Cuba:



Almoço para os Babalawos realizado após cerimônia ritual assistido pelas Apetebi



Santero com representações de seus Orixás

Representações do poder no Candomblé:



Babalawo e Iyawôs conduzindo oferenda na festa de Obaluê

Representação da culinária religiosa em Cuba:



Representa

Comida para Oxum



Comida para Oxalá

Cerimônia na Santería:



Cerimônia de imposição de *Mano de Orula* pelos Babalawos, com presença da Apetebi



Cerimônia para Oxum

Cerimônia no Candomblé:



Dança de labãs



Cerimônia para Omolu